

RESENHA

Uma leitura crítica à luz da obra

226

“A cruel pedagogia do vírus”

Maciana de Freitas e Souza¹

Patricia Lorena Raposo²

REVIEW

A CRITICAL READING IN THE LIGHT OF THE WORK "THE CRUEL PEDAGOGY OF THE VIRUS"

Recebido em: 29/01/2021

Aprovado em: 31/03/2021

¹ Bacharela pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte /UERN. Pós Graduada em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pela Instituição Faculdade Vale do Jaguaribe.

² Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte /UERN. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), do Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de A. Maia” (CAMEAM).

No livro intitulado “A cruel pedagogia do vírus”, publicado pela editora Boitempo em formato ebook, Boaventura de Souza Santos apresenta uma análise crítica sobre o crescimento do capitalismo sob a égide neoliberal e o cenário atual com o avanço da pandemia do covid19. O objetivo do ensaio é questionar o modelo de desenvolvimento vigente e as implicações dessa conjuntura de retrocessos para a classe trabalhadora.

Boaventura de Souza Santos, possui Doutorado em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale. Exerce a função de Professor da Universidade de Coimbra. É igualmente Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

As sessões do livro e o formato objetivo fornecem um conjunto de informações sobre a dinâmica capitalista e seus rebatimentos na vida dos trabalhadores. No primeiro Capítulo “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz” o autor pontua a importância da redefinição das práticas societárias, em virtude da crise promovida pelo novo corona vírus e nesse processo menciona que, o projeto neoliberal tem ampliado as hierarquizações e os desafios para a materialização dos direitos humanos. Para além de um processo de reestruturação dos serviços e práticas, Santos traz reflexões importantes sobre a necessidade de repensar o Direito e as práticas cotidianas que demonstram o cenário de crise humanitária que passamos.

Na visão de Santos (2020), as medidas de austeridade estatais estão em prol da economia e reprodução do sistema capitalista, em sentido contrário as condições necessárias para o funcionamento do Estado democrático Direito, por isso é fundamental um olhar crítico para a “sociologia das ausências”. Por isso menciona Santos, “[...] as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela” (2020, p. 8). No cenário brasileiro, um país de dimensões continentais, a pandemia tem ampliado as contradições sociais nos territórios e o circuito de controle social sobre os grupos em contexto de exclusão.

Na segunda parte “A Trágica Transparência do Vírus”, Santos (2020) destaca a atuação da tríade formada pelo capitalismo, colonialismo e o patriarcado na manutenção das desigualdades para atender os interesses econômicos em detrimento dos grupos populacionais e aumentado a situação de vulnerabilidade na qual estão inseridos. Nesse sentido, menciona que países com governos autoritários a exemplo dos Estados Unidos e do Brasil, as ações de enfrentamento a pandemia serão por meio de medidas de vigilância e controle. Nesse caminho, Santos considera que abordar de forma adequada, e propor alternativas para viabilizar os direitos básicos não será uma tarefa fácil. Por isso, defende que os “intelectuais de retaguarda” estejam atentos a realidade e possam contextualizar –la com vistas a fazer a mediação teoria/prática. Nesse processo, Santos (2020, p. 24), destaca como elementos do modelo neoliberal:

[...] a demonização dos serviços públicos (o Estado predador, ineficiente ou corrupto); a degradação das políticas sociais ditada pelas políticas de austeridade sob o pretexto da crise financeira do Estado; a privatização dos serviços públicos e o subfinanciamento dos que restaram por não interessarem ao capital.

Na terceira parte, “A sul da quarentena”, Santos (2020) realiza uma abordagem sobre as “epistemologias do sul” e indica o fortalecimento do caráter discriminatório sob determinados grupos a exemplo das mulheres, idosos, crianças, refugiados, pessoas em situação de rua, trabalhadores precários e informais, moradores de periferias e dentre outros segmentos vulnerabilizados. Nesse sentido, Santos chama a atenção para o fato de que, uma grande parcela da população não possuem escolha e não podem fazer o isolamento previsto pela OMS, tendo que deslocar para trabalhar.

Desta maneira, para o autor, os marcadores sociais de raça, classe e gênero contribuem para os riscos e impactos da nova pandemia. Sobre estes grupos. Por isso, enfatiza que “os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico” (SANTOS, 2020, p. 26). Seguindo sua análise, Santos aponta que países com modelos de extrema direita não tem considerado as demandas das classes subalternas. A sua atuação se

apresenta funcional aos interesses econômicos, desencadeando uma série de violações de direitos.

Na quarta parte intitulada “A Intensa Pedagogia do Vírus: As Primeiras Lições”, o sociólogo pontua algumas questões que emergem no contexto de crise atual do capitalismo e os desdobramentos da pandemia que podem ser vistos. A partir dessa linha intelectual, são apresentadas seis lições: a) O tempo político e midiático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se percebe dos riscos que corre; b) As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga; c) Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro; d) A extrema direita e a direita hiper-neoliberal ficam definitivamente descreditadas (espera-se); e) O colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda; e f) O regresso do Estado e da comunidade.

A análise desenvolvida pelo autor reconhece mudanças na organização social com a pandemia da covid19 e destaca o aumento dos desafios para as políticas públicas. Assim, as desigualdades econômica e social, e principalmente nas formas de relações trabalhistas são acentuadas. No quinto e último capítulo, intitulado “O Futuro Pode Começar Hoje”, o autor apresenta alguns apontamentos críticos com relação ao futuro pós-pandemia e o domínio do capitalismo.

Em síntese, argumenta em defesa de mudanças sociais e práticas de lutas novas, que possam fortalecer o Estado democrático e atender as necessidades humanas por meio de uma “virada” epistemológica, cultural e socioeconômica. Ademais, em suas reflexões, Santos destaca que grande parte dos segmentos sociais estão em uma “quarentena dentro de outra quarentena” dada a condição de vulnerabilidade que o capitalismo promove pela subordinação das políticas sociais a lógica de estabilização econômica. Santos (2020) pontua que as medidas não contemplam a realidade daqueles que vivem em condição de pobreza e/ou trabalho precário.

Portanto, “a cruel pandemia do vírus” é um relevante livro para se compreender as desigualdades resultantes do projeto neoliberal a partir de uma visão crítica e decolonial, com vistas à criação de ações que sejam democráticas, tendo como horizonte mudanças sociais efetivas. Por fim, o ensaio nos permite

reconhecer os limites do capitalismo e, ao mesmo tempo, nos fornece a constatação de que grupos em contextos de desigualdades sociais e raciais terão desafios adicionais para o acesso à direitos fundamentais.

REFERÊNCIA

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020.